



Equidade

Por JOSÉ EDUARDO MARTINS*

Ao longo destes textos, tentei partilhar duas inquietações: os maiores problemas não são os que parecem mais imediatos e a mudança depende mais de cada um de nós do que julgamos ou gostamos de acreditar. No nosso caso, e no imediato, depende da capacidade de ser feliz com menos, mais solidário com quem tem ainda menos e mais exigente com quem decide.

Somos a leva de portugueses que melhor viveu e vamos sentir muito fundo esta queda. Tal como com a pimenta e o ouro, das remessas dos emigrantes e contribuintes líquidos da UE nada duradouro ficou. Voltamos a ser poetas e pobres... só que mais desamparados porque os vizinhos deixaram de ser ricos.

Agora temos de "cortar" muito para pagar o que devemos e recuperar algum rumo. Pelo caminho, há muito onde "cortar" é desenhar o futuro. Aprender o tal viver do que fazemos. Não tenho instrução para ser monetarista ou o seu contrário e não é, portanto, numa perspetiva técnica que aprecio o mérito de reduzir despesa pela contração na remuneração da administração pública.

É num patamar estritamente político que a ideia me parece muito má. Por duas razões. Há uma enorme diferença entre o Estado pequeno e eficaz de que precisamos e um Estado inchado e deserto dos melhores, como, no médio prazo, um corte cego potencia. O famoso mercado vai levar os mais capazes e deixar-nos a pagar muito caro o que agora parece barato.

Se o problema da despesa pública também passa pelo número excessivo de funcionários do Estado, então venha daí a coragem para o enfrentar, que o tempo não está para continuar a fazer de conta ou empurrar problemas com a barriga.

Mas neste momento, de sacrifícios nunca vistos, a ideia é sobretudo danosa por nos pôr uns contra outros. O cimento da coesão que precisamos para ultrapassar isto virá da convicção que os sacrifícios, mesmo se injustos em si, são justamente partilhados entre nós. É uma tragédia sofrer na pele um castigo que estimamos não merecer, mas se faltar a crença num tempo mesmo novo, em que toca a todos por igual, acabaremos como os gregos... à pancada em cima duma jangada.

A equidade é, antes de mais, uma ideia simples de justiça. Ainda vamos a tempo. ■

“

Somos a leva de portugueses que melhor viveu e vamos sentir muito fundo esta queda



Advogado